

GRUPO FOCAL – ESTRATÉGIA METODOLÓGICA QUALITATIVA: UM ENSAIO TEÓRICO

[Focus Group – qualitative methodology strategy: a theoretical essay]

Ione Maria Aschidamini*
Rosita Saupe**

RESUMO: O artigo tem como objetivo abordar fundamentos teóricos sobre a técnica de Grupo Focal como Estratégia Metodológica Qualitativa. Abrange os aspectos objetivos e subjetivos do trabalho em grupo, bem como o papel do moderador e do(s) observador(es) como facilitadores do processo grupal. Destaca a importância das etapas sucessivas para a investigação através dos Grupos Focais e enfatiza a seleção dos participantes como tarefa relevante para o alcance dos objetivos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo Focal; Metodologia da Pesquisa; Pesquisa Qualitativa.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho grupal vem sendo estudado pelas Ciências Sociais em especial pela Psicologia Social e Psiquiatria nos chamados “grupos terapêuticos”. Pichon-Rivière (1998) relata seus trabalhos com “grupos operativos” os quais tiveram sua origem e desenvolvimento na Experiência Rosário, uma investigação de caráter interdisciplinar que foi realizada por membros do Instituto Argentino de Estudios Sociales (IADES) em uma comunidade na cidade de Rosário na década de 50.

Dessa experiência resultou uma didática interdisciplinar com base na construção de um esquema conceitual referencial e operativo (ECRO) que permitiu a compreensão das leis

estruturantes do processo grupal.

Para maior visualização do ECRO, o autor idealizou o que denomina de esquema do “cone invertido”, no qual, na base localizam-se os conteúdos “explícitos”; no vértice encontram-se as situações universais ou “implícitas” e entre ambas o movimento dialético da indagação e esclarecimento representado pela espiral que transita no sentido da base para o ápice, isto é, do “explícito” para o “implícito” com o objetivo de clareá-lo ou explicitá-lo. O método dialético constitui-se então a tarefa central do grupo, é o que permite a produção do conhecimento (PICHON-RIVIÈRE, 1998).

As experiências e reflexões do autor conduziram-no a definir grupo como o “conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articulados por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade” (PICHON-RIVIÈRE, 1998, p. 234). E define igualmente “grupo operativo”, no qual cada participante conhece e desempenha seu papel grupal aberto à comunicação, à aprendizagem social, em relação dialética com o meio (PICHON-RIVIÈRE, 1998).

Segundo Bleger (1998) seu contemporâneo, os integrantes do “grupo operativo” não só aprendem a pensar, como também a observar e escutar, a relacionar suas opiniões com as alheias, a aceitar pensamentos e ideologias diferentes das suas, integrando-se no trabalho em equipe.

O Grupo Focal que constitui o objeto do presente estudo se assemelha ao “grupo operativo” de Pichon-Rivière (1998) e Bleger (1998) tanto na sua estrutura quanto na sua operacionalização. Ele tem indicações terapêuticas, educativas e para

*Professora Assistente. Disciplina Promoção e Educação em Saúde - UNIANDRADE. Mestranda, Curso de Mestrado Profissionalizante em Saúde. Opção Saúde da Família – UNIVALI.

**Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Docente do Curso de Mestrado Profissionalizante em Saúde. Opção Saúde da Família - UNIVALI.

pesquisa. É recomendado para pesquisa de campo, já que, em pouco tempo e baixo custo permite uma diversificação e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse (CHIESA, CIAMPONE, 1999).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão de Literatura com ênfase nos Grupos Focais como Estratégia Metodológica Qualitativa.

O material consultado constituiu-se de livros e periódicos, tanto na forma impressa quanto eletrônica e foi submetido ao Método de Leitura Científica que segundo Cervo e Bervian (2002) obedece a passos sistematizados cronologicamente conforme segue:

Visão sincrética - com a **leitura de reconhecimento** que tem como objetivo localizar as fontes numa aproximação preliminar sobre o tema e a **leitura seletiva** localizando as informações de acordo com os propósitos do estudo.

Visão analítica - compreende a **leitura crítico-reflexiva** dos textos selecionados acompanhado de reflexão, na busca dos significados e na escolha das idéias principais.

Visão sintética - constitui a última etapa do Método de Leitura Científica que é concretizada através da **leitura interpretativa**.

A abordagem através do Método de Leitura Científica possibilitou a construção do presente ensaio teórico que segundo Severino (2000) consiste na exposição lógico-reflexiva com ênfase na argumentação e interpretação pessoal.

Como primeira aproximação ao tema, foi realizado um estudo comparativo entre os autores pesquisados, no qual verificamos semelhanças quanto ao emprego da técnica dos Grupos Focais como Metodologia Qualitativa, que tem por objetivo gerar uma gama de respostas e formular hipóteses, não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas.

3 PRESSUPOSTOS DO GRUPO FOCAL

A utilização do Grupo Focal na área da saúde é recente. Aparecem publicações a partir da década de 80 como técnica de Pesquisa Qualitativa. Desde 1990 no entanto vem

aumentando gradativamente o seu uso entre os pesquisadores universitários. O mesmo não aconteceu com pesquisadores na área de marketing que o incorporaram de pronto como técnica valiosa de pesquisa, seja pelo seu baixo custo, ou pela rapidez com que o Grupo Focal fornece dados válidos e confiáveis (IERVOLINO, PELICIONE, 2001). Para os mesmos autores, o principal objeto do Grupo Focal consiste na interação entre os participantes e o pesquisador e a coleta de dados, a partir da discussão com foco, em tópicos específicos e diretivos.

O Grupo Focal em seu caráter subjetivo de investigação é utilizado como Estratégia Metodológica Qualitativa, consoante nos informa Debus (1997), já que a Pesquisa Qualitativa caracteriza-se por buscar respostas acerca do que as pessoas pensam e quais são seus sentimentos.

A organização e sistematização de uma investigação através dos Grupos Focais tem seus alicerces em Westphal, Bogus e Faria (1996), Debus (1997), Dall'agnol e Trench (1999), Iervolino e Pelicione (2001) que são unânimes quanto aos aspectos operacionais desde a escolha de seus participantes, do moderador (também chamado facilitador), do local dos encontros, da elaboração do guia de temas, quesitos fundamentais para o bom andamento das reuniões.

Analisemos alguns aspectos considerados nucleares para a investigação através da técnica de Grupo Focal.

Dos participantes

A definição dos membros que farão parte do Grupo Focal é considerada tarefa relevante uma vez que implica na capacidade de contribuição com os objetivos da pesquisa. A amostra é intencional e os critérios (sexo, idade, escolaridade, diferenças culturais, estado civil e outros) podem variar, devendo, todavia, ter pelo menos um traço comum importante para o estudo proposto (WESTPHAL, BOGUS e FARIA, 1996).

A decisão de participar de um Grupo Focal deve ser individual e livre de qualquer coação, daí a importância de uma cuidadosa seleção das pessoas a serem convidadas, bem como a necessidade de clareza quanto à explicitação do projeto e dos cuidados éticos incluídos no processo e informados aos selecionados. Dada a

importância da primeira aproximação com os sujeitos que desejamos façam parte de nossa pesquisa, Ressel, Gualda e Gonzales (2002) denominaram o convite para a participação do Grupo Focal de “enamoração” tal o cuidado que se deve ter com o primeiro passo considerado fundamental para o sucesso da investigação.

Quanto ao número de participantes deve variar de 8 (oito) a 10 (dez) pessoas segundo Debus (1997), Dall’agnol e Trench (1999), Iervolino e Pelicione (2001) e Meier e Kudlowiez (2003) devendo o tamanho do grupo estar adaptado aos propósitos da tarefa. Para Chiesa e Ciampone (1999), o ideal é que o total oscile entre um mínimo de seis e um máximo de doze pessoas.

Do número de sessões grupais

Em relação ao número de encontros, varia de acordo com a complexidade da temática e o interesse da pesquisa, podendo ser alterado após análise conjunta (do moderador e observador) dos dados coletados. Meier e Kudlowiez (2003, p. 397) optaram por dez sessões “devido à complexidade da temática e envolvimento dos participantes em diversas atividades”.

Debus (1997) sugere organizar ao menos duas sessões para cada variável considerada importante para o tema pesquisado; ou até que a informação obtida deixe de ser nova.

Nas experiências brasileiras em Saúde Pública utilizando Grupos Focais conforme relato de Westphal, Bogus e Faria (1996), foram realizados cinco sessões de Grupos Focais para o projeto de “Análise de dados sobre manuais de treinamento de agentes de saúde” elaborado pela Pastoral da Criança; trinta e uma sessões de Grupo Focal com funcionários do Departamento de Saúde de dois Municípios da grande São Paulo para “Avaliação diagnóstica de um programa educativo para aproximação dos funcionários e da população do serviço local de saúde”; e dezesseis sessões de Grupo Focal para identificar o “Conhecimento e percepções dos funcionários de um hospital sobre a promoção de atividades relacionadas ao aleitamento materno nas Unidades Pré-natal, Maternidade e de Atendimento Pediátrico”.

Iervolino e Pelicione (2001) relata em seu estudo duas sessões de Grupos Focais para análise de “Parâmetros Curriculares Nacionais nas

Áreas de Educação em Saúde e Meio Ambiente” com dez professores do Ensino Fundamental na cidade de Vargem Grande Paulista; e nove sessões grupais objetivando verificar a praticidade e aceitação de material didático sobre dengue produzido e distribuído pelo Ministério da Saúde.

Ressel, Gualda e Gonzales (2002) relatam a experiência de um estudo piloto para avaliar a viabilidade da técnica de coleta de dados através dos Grupos Focais. Foram realizadas cinco sessões grupais (grupos de sete alunos) no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade de Santa Maria.

Não existe, portanto, um padrão para o número de sessões de Grupo Focal, dependendo sobretudo dos objetivos traçados pelo pesquisador. No caso de diferentes grupos aos quais é proposta uma questão chave, um a dois encontros com cada grupo parecem atingir o objetivo, conforme experiência realizada por Büchele (2001).

Do local e do tempo de duração das sessões grupais

Em conformidade com os autores pesquisados Debus (1997), Ressel, Gualda e Gonzales (2002) e Meier e Kudlowiez (2003) deve-se ter um cuidado especial quanto à escolha do local e ambientação para os encontros. Relatam Ressel, Gualda e Gonzales (2002, p. 6) que foi escolhido [...] “um ambiente agradável, carinhoso, descontraído, utilizando-se de incenso perfumando levemente a sala, de uma música relaxante, com sons de água, natureza, pássaros” [...].

Preferencialmente o local deve ser neutro, isto é, fora do ambiente de trabalho e/ou convívio dos participantes e de fácil acesso. Livre de ruídos, com isolamento acústico, possibilitando a captação das falas, sem “muitas” interferências (MEIER e KUDLOWIEZ 2003).

A organização do espaço físico deve objetivar a participação e interação do grupo, de maneira que todos estejam dentro do campo de visão entre si e com o moderador, isso fomentará a interação e o sentimento de fazer parte do grupo.

Para Debus (1997) as sessões geralmente ocorrem ao redor de uma mesa de conferências e/ou de forma aleatória onde os participantes se sintam à vontade. O autor tece algumas considerações a respeito do espaço físico a saber:

- evitar atribuir às cadeiras uma idéia de

prestígio, portanto os participantes que se assentem ao lado do moderador ou à cabeceira da mesa podem se sentir prestigiados.

- permitir que o moderador tenha visão de todos os participantes para melhor monitorar o grupo, estimular a participação dos tímidos e controlar a dos dominantes.

- providenciar o crachá com os nomes dos participantes para que o moderador possa chamá-los pelo nome, facilitando o controle e a interação do grupo.

A disposição dos assentos em círculo foi adotada por Ressel, Gualda e Gonzales (2002, p. 6) salientando que em cada encontro o moderador e o observador mudavam de lugar, evitando sentarem-se um ao lado do outro para não dar idéia de centralização. Para os autores “o arranjo dos assentos é importante, devendo promover a participação de todos, a interação face a face [...] com distâncias iguais entre todos, e dentro do mesmo campo de visão”.

Meier e kudlowiez (2003) priorizaram a disposição das cadeiras em semicírculo. O coordenador e o observador posicionavam-se entre os participantes, não havendo lugar fixo.

Percebemos a preocupação dos autores pesquisados com a participação e integração grupal quanto à organização do espaço físico e a escolha de local adequado e acolhedor para as sessões em Grupo Focal, à semelhança dos trabalhos em “grupos operativos” de Pichon - Revière (1998) e Bleger (1998), onde os participantes deveriam se encontrar em ambiente que favorecesse o interagir dialeticamente visando o reconstruir de forma grupal, centrados na comunicação, mobilização e resolução de tarefas.

Refletindo sobre o tempo de duração das sessões em Grupo Focal os autores pesquisados, Westphal, Bogus e Faria (1996), Debus (1997), Dall’agnol e Trench (1999), Iervolino e Pelicione (2001) e Meier e Kudlowiez (2003) sugerem de uma a duas horas para que o cansaço dos participantes e as condições desconfortáveis não venham a interferir nos objetivos da discussão em prejuízo dos resultados.

Da elaboração do Guia de Temas

O guia de temas é de extrema importância na investigação através dos Grupos Focais. Consta

de uma lista de temas e questões qualitativas e abrangentes, que favoreçam a discussão, servindo de roteiro para o moderador, facilitando a condução do trabalho grupal ao encontro dos objetivos da pesquisa. A elaboração desse instrumento requer do moderador habilidade, dedicação e clareza dos objetivos do estudo (MEIER e KUDLOWIEZ, 2003).

Do moderador (facilitador) e observador

Dall’agnol e Trench (1999, p.15) esclareceram a importância do papel do moderador como “significativo e relevante para o funcionamento dos grupos e implica preparo e instrumentalização em todas as fases do processo”.

O moderador experiente, segundo Debus (1997) adapta-se ao estilo dos participantes, aos objetivos e necessidades do grupo. O autor alerta para os comportamentos que não devem ser exercidos pelo moderador, quais sejam: atuação como professor, como juiz ou como chefe. Salienta também o fato de que o moderador não deve expressar acordo ou desacordo com pontos de vista expressos pelos componentes do grupo e enfatiza que o moderador “não põe palavras na boca dos participantes” (DEBUS, 1997, p. 63).

O moderador “é um facilitador do debate” (DALL’AGNOL e TRENCH, 1996, p.16) deve ter experiência no manejo com atividades grupais, cultivar a empatia, aptidão para escutar, entusiasmo para conduzir o grupo às discussões e controle do Grupo Focal.

Cabe a ele (geralmente o pesquisador) proporcionar ambiente adequado “para que diferentes percepções e pontos de vista venham à tona”[...] (Iervolino e Pelicione, 2001, p. 116). Este ambiente relaxado e condutor de troca de experiências e perspectivas deve ser a tônica nas sessões de Grupos Focais.

Juntamente com o moderador, o(s) observador (es) é (são) “de suma importância para o sucesso da técnica de Grupos Focais” (DALL’AGNOL e TRENCH, 1999, p. 18).

O observador deve cultivar a atenção, auxiliar o moderador na condução do grupo, tomar nota das principais impressões verbais e não verbais, estar atento à aparelhagem audiovisual. Deve ter facilidade para síntese e análise e capacidade para

intervenção.

Ao final de cada sessão (ou nos dias seguintes) deve ser realizada avaliação acerca das discussões, sentimentos e sensações promovidas naquele encontro, sendo elaborado um quadro geral das idéias preponderantes. Juntos, coordenador e observador, traçam estratégias para as próximas reuniões do Grupo Focal.

Da análise dos dados

Os dados coletados através da utilização da Metodologia de Grupo Focal são de natureza qualitativa. Isto implica na análise qualitativa dos dados sem a intervenção estatística.

Debus (1997) apresenta os erros mais comuns cometidos na interpretação dos dados utilizando os Grupos Focais: quantificar os Grupos Focais; tomar literalmente os comentários dos participantes, em vez de aprofundar em seu significado. A análise dos dados deve ser feita levando-se em consideração o contexto social, visto que são dados potencialmente subjetivos.

Segundo Carlini apud Iervolino e Pelicione (2001) é procedimento habitual na Pesquisa Qualitativa a análise parcial, objetivando melhor adequar os procedimentos de coleta de dados aos objetivos da pesquisa.

Iervolino e Pelicione (2001, p. 119) propõem duas formas de se proceder a análise: através do sumário etnográfico e da codificação dos dados via análise de conteúdo. O primeiro assenta-se “nas citações textuais dos participantes do grupo” enquanto o segundo enfatiza a “descrição numérica de como determinadas categorias explicativas aparecem ou estão ausentes das discussões e em quais contextos isto ocorre”. Os métodos citados não são excludentes entre si, podem ser combinados em um só momento de análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão levou-nos à reflexão sobre o trabalho grupal, seus aspectos subjetivos, o “fazer parte”, “o pensar grupal”, o “reconstruir grupal” e o “transformar-se”.

Na técnica de Grupo Focal estão delineadas as etapas que favorecem a elaboração dialética do pensamento grupal, levando à construção

coletiva do conhecimento.

A seleção criteriosa dos participantes, a capacidade crítico-reflexiva do moderador e observador (es) são questões valiosas para o encaminhamento dos resultados em conformidade com os objetivos traçados pelo pesquisador.

Reiteramos que a técnica de Grupo Focal seja melhor explorada como Metodologia Qualitativa, uma vez que em pouco tempo e baixo custo permite investigar questões complexas e produzir conhecimento.

ABSTRACT: The article aims to approach theoretical fundamentals on Focus Group technique as a Qualitative Methodology Strategy. It entails objective and subjective aspects of team work, as well the role of the mediator and observer(s) as team process facilitators. It points out the importance of the successive stages for the Focus Group investigation and emphasizes the participant's selection as a significant task to achieve research goals.

KEY WORDS: Focus Group; Research Methodology; Qualitative Research.

REFERÊNCIAS

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CERVO, Amado I.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHIESA, Ana Maria; CIAMPONE, Maria Helena Trench. **Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais**. A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC. Brasília: ABEN, 1999, p. 306-324.

DALL'AGNOL, C. M.; TRENCH, M.H. Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisa na enfermagem. **Rev.Gaúcha Enf.**, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 5-25, 1999.

DEBUS M. **Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development, 1997.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.35, n.2 , p. 115-21, jun. 2001.

MEIER, M. J. ; KUDLOWIEZ , S. Grupo focal: uma experiência singular. **Texto & Contexto Enf.**, Florianópolis, v.12, n.3, p. 394-399, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RESSEL ,L. B. ; GUALDA, D. M. R. ; GONZALEZ , R. M. B. Grupo focal como uma estratégia para coletar dados de pesquisa em enfermagem. **International Journal of Qualitative Methods**. 1 (2) article, spring 2002. Disponível em: <<http://www.ualberta.ca/~ijqm>>. Acesso em: 10 nov. 2003.

SEVERINO, A J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WESTPHAL, M. F. ; BOGUS, C. M. ; FARIA, M. de M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol. Oficina Saint. Panam**. Washington, v.120, n.6, p. 472-481, 1996.

ENDEREÇO DAS AUTORAS
Rua Augusto de Mari, 3281 - ap.14
Vila Guaira
80630-010
Curitiba-PR
ionenf@hotmail.com